

ESTATUTOS DAS CONSOANTES QUE FECHAM SÍLABAS NO PORTUGUÊS EUROPEU: EVIDÊNCIA DOS DADOS DA AQUISIÇÃO

M. JOÃO FREITAS
(FLUL)

1. Introdução

Na literatura sobre a estrutura silábica do Português Europeu (PE), é referido que este sistema admite Rimas ramificadas (Núcleo e Coda), embora a Coda seja um constituinte silábico que, neste sistema, impõe fortes restrições ao material segmental que lhe está associado (entre outros, Mateus & d'Andrade 1998).

O trabalho de investigação sobre a aquisição da estrutura silábica das línguas naturais tem confirmado a natureza marcada do constituinte Coda, através da atestação da emergência exclusiva do padrão não marcado V para a Rima, nas primeiras produções das crianças. Dos quatro constituintes silábicos definidos no modelo de 'Ataque-Rima' (Ataque, Rima, Núcleo e Coda), a Coda é o último a emergir nos vários processos de aquisição das línguas naturais até agora estudados (Fikkert 1994; Fee 1995; Lléo & Prinz 1996; Demuth 1995; Stemberger 1996; Miranda 1996; Fikkert & Freitas 1996; Freitas 1997a).

Nesta comunicação, avaliar-se-á o comportamento verbal de um grupo de crianças portuguesas¹ face a estruturas com consoante em final de sílaba no sistema-alvo, no sentido de demonstrar que nem todas as consoantes neste contexto são processadas pelas crianças como tendo o mesmo estatuto silábico. Neste sentido, adoptar-se-ão os instrumentos formais da Teoria da Sílaba (modelo 'Ataque-Rima'), integrada no modelo gramatical de Princípios e Parâmetros. Estes instrumentos foram usados em Fikkert (1994) para a construção de um modelo de aquisição da sílaba, que aqui se adopta².

1. O problema

O uso dos instrumentos formais de uma gramática de Princípios e Parâmetros permite a construção de um modelo de aquisição eficaz para o tratamento da aquisição da estrutura silábica das línguas naturais, como foi demonstrado em Fikkert (1994) e em Freitas (1997a). Neste quadro teórico, a transição de um estágio de aquisição para outro é o resultado da fixação do valor marcado de um parâmetro específico que, no estágio inicial de aquisição, possui o valor não marcado. Neste sentido, dois segmentos têm o mesmo estatuto silábico se, estando disponíveis no inventário segmental da criança, emergirem simultaneamente numa mesma posição silábica, no momento em que o valor do parâmetro que rege essa posição for activado.

No caso da aquisição do PE, o confronto entre a emergência de fricativas e de líquidas associadas aos dois constituintes silábicos que dominam fonologicamente consoantes — o Ataque e a Coda — mostra que as duas classes de segmentos apresentam padrões de emergência distintos. Por outro lado, e para o mesmo domínio silábico, fricativas e líquidas adjacentes à direita da vogal do Núcleo emergem na produção em momentos distintos do percurso de aquisição. Tal comportamento leva-nos a questionar a análise tradicional segundo a qual, no PE, fricativas e líquidas em final de sílaba têm o mesmo estatuto silábico, ou seja, o de Coda. A observação dos dados da aquisição do PE conduziu-nos ao seguinte problema:

- Se, num dado momento da aquisição, (i) fricativas e líquidas já se encontram disponíveis no sistema e (ii) o parâmetro que rege a emergência das Codas já permite a sua ocorrência, por que motivo fricativas e líquidas em final de sílaba não emergem simultaneamente, no mesmo estágio de aquisição?

Tendo observado comportamento idêntico nos dados da aquisição do Holandês, Fikkert (1994) re-equaciona o papel silábico das consoantes em final de sílaba, utilizando as produções das crianças holandesas como argumentos empíricos para demonstrar que, no Holandês, obstruintes e consoantes soantes em final de sílaba possuem papéis silábicos distintos: a) as obstruintes são verdadeiras Codas; b) as consoantes soantes são dominadas por um Núcleo ramificado.

Assumindo que:

- (i) comportamentos semelhantes nos percursos de aquisição são o resultado de propriedades comuns aos vários inputs considerados,
- (ii) comportamentos dissemelhantes reflectem diferenças entre esses inputs,

listar-se-ão alguns argumentos que permitem avaliar a hipótese da atribuição de diferentes estatutos silábicos às consoantes que fecham sílabas neste sistema.

1. Codas no Português Europeu

No PE, a posição de Coda impõe fortes restrições de natureza segmental ao material que lhe está associado. Vejam-se alguns exemplos:

(1) *Codas no PE*

mel	[ˈmɛɫ]
salto	[ˈsawtu]
mar	[ˈmar]
porta	[ˈpɔrtə]
paz	[ˈpaw]
frasco	[ˈfrasʃku]
papéis	[pəˈpejʃ]
fausto	[ˈfawʃtu]

Os segmentos que estão mais frequentemente associados à posição do esqueleto dominada pela Coda no PE são os seguintes:

- (i) segmento /l/, com obrigatória velarização no nível fonético ([ɫ]);
- (ii) segmento /r/;
- (iii) consoante fonológica com propriedades de uma consoante fricativa, com os alofones [ʃ, ʒ, z].

Como se pode constatar em (1), uma Coda associada a uma consoante líquida surge apenas em Rimas cujo Núcleo não é ramificado (*salto* [ˈsawtu] e *porta* [ˈpɔrtə]); pelo contrário, uma Coda associada a uma consoante fricativa pode surgir em Rimas de Núcleo não ramificado (*frasco* [ˈfrasʃku]) e em Rimas de Núcleo ramificado (*fausto* [ˈfawʃtu]). Os formatos mais frequentes de Rimas contendo Codas, no PE, são os seguintes:

(2) *Rimas com Codas no PE*

a. VCfric

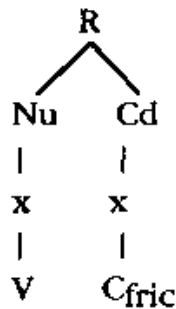
b. VGCfric

c. VCliq

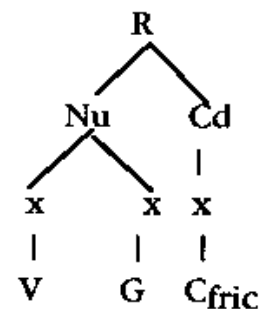
Assim, e de acordo com o que é afirmado na literatura, as crianças portuguesas terão de saber que são as seguintes as estruturas da Rima possíveis na sua gramática-alvo:

(3) *Estruturas das Rimas com Codas*

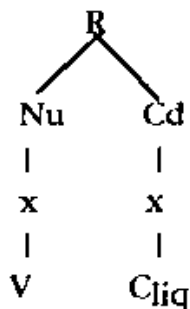
a. Núcleo não ramificado+Coda fricativa



b. Núcleo ramificado+Coda fricativa



c. Núcleo não ramificado+Coda líquida



Num modelo paramétrico, o PARÂMETRO DA RIMA RAMIFICADA e o PARÂMETRO DO NÚCLEO RAMIFICADO dão conta das estruturas apresentadas em (3). As crianças portuguesas terão assim de aprender que o PE fixa os valores marcados de ambos os parâmetros:

(4) *Parâmetros envolvidos na aquisição de consoantes em final de sílaba*

PARÂMETRO DA RIMA RAMIFICADA:

As Rimas podem ramificar em Núcleo e Coda? (Sim/Não)

PARÂMETRO DO NÚCLEO RAMIFICADO:

Os Núcleos podem ramificar? (Sim/Não)

2. Os dados da aquisição: apresentação e discussão

Sabe-se que, na aquisição do PE, as possíveis ordens de emergência segmental na produção são as seguintes:

(5) *Ordem de emergência segmental na aquisição do PE*

I	II	III
a. Oclusivas/nasais	Fricativas	Líquidas (a mais frequente)
b. Oclusivas/nasais	Líquidas	Fricativas

Sabe-se ainda, da observação da aquisição da fonologia no PE, que a emergência das Cudas ocorre numa fase em que outras classes (fricativas e/ou líquidas), para além das oclusivas e das nasais, já surgiram nas produções das crianças (cf. Freitas, 1997a).

A activação dos constituintes silábicos ocorre paralelamente à emergência segmental, num processo de interacção entre os dois níveis³. Enquanto o PARÂMETRO DA RIMA RAMIFICADA não tiver o seu valor marcado activado, consoantes em final de sílaba na palavra-alvo não são produzidas pelas crianças, mesmo que já estejam disponíveis no inventário segmental da criança. Vejam-se os exemplos em (6):

(6) *Consoantes em final de sílaba não são produzidas (fricativas no João)*

a. Fricativas em Ataque simples

sei	/ˈsej/	->	[ˈsej]	(2;1.23)
calção	/kaɫˈsẽw̃/	->	[haˈfẽw̃]	(2;4.30)
são	/ˈsẽw̃/	->	[sẽw̃]	(2;4.30)
sai	/ˈsaj/	->	[ˈʃaj]	(2;8.27)
avó	/əˈvɔ/	->	[əˈfɔ]	(2;8.27)

b. Fricativas em final de sílaba

Inês	/iˈnɛʃ/	->	[ˈnɛ]	(2;2.28)
gosta	/ˈgɔʃtɐ/	->	[ˈɔtɪ]	(2;2.28)
esta	/ˈɛʃtɐ/	->	[ˈɛtɐ]	(2;8.27)
horas	/ˈɔɾɐʃ/	->	[ˈɔjɐ]	(2;8.27)
três	/ˈtɾɛʃ/	->	[ˈtɛ]	(2;8.27)

Fixado o valor marcado do PARÂMETRO DA RIMA RAMIFICADA (as Rimas podem ramificar em Núcleo e Coda), as crianças entram num outro estágio de desenvolvimento silábico. Neste estágio, prevê-se que, uma vez disponíveis no inventário segmental da criança, todas as consoantes associadas a Cudas no PE possam agora ser produzidas pelas crianças em final de sílaba. Assim, e dada a já referida natureza marcada de uma Rima ramificada, é lícito formular a seguinte hipótese:

(7) *Hipótese para a emergência das Cudas no PE*

- (i) as Cudas não estão disponíveis no início da aquisição;
- (ii) as fricativas e as líquidas seguem o mesmo padrão de emergência, se estiverem já disponíveis no sistema segmental da criança quando as Cudas surgem; caso tal não se verifique, a ordem de emergência segmental na Coda seguirá a ordem de emergência segmental no sistema da criança;

- (iii) na ausência de um dos tipos de segmentos no inventário segmental da criança (fricativas ou líquidas), a posição de Coda será preenchida pelo tipo de segmentos já disponível, como acontece noutras posições silábicas.

No sentido de testar a hipótese acima formulada, observe-se o comportamento das crianças portuguesas face a consoantes fricativas e líquidas associadas aos dois constituintes silábicos que dominam consoantes no sistema-alvo — o Ataque e a Rima. Em (8), são apresentados dados relativos à fricativa associada a Ataque simples e associada a Coda; em (9), são apresentados exemplos de líquidas em Ataque simples e em final de sílaba:

(8) *Fricativas*

a. Ataque simples

Laura

saia	/sajø/	->	['sajø]	(2;2.30)
jardim	/ʒər'di/	->	[ʒø'di]	(2;2.30)
são	/søw/	->	['søw]	(2;2.30)
avô	/ø'vo/	->	[ø'vo]	(2;2.30)
chama	/'fømø/	->	['fømø]	(2;3.20)

Pedro

faz	/'faz/	->	['faz]	(2;7.0)
verde	/'verdi/	->	['vedi]	(2;7.0)
saia	/'sajø/	->	['sajø]	(2;8.19)
fazer	/'fø'zer/	->	[vø'ze]	(2;8.19)
sono	/'sonu/	->	['fonu]	(2;8.19)

b. Coda

Laura

testa	/'tejtø/	->	['tejtø]	(2;2.30)
vaquinhas	/vø'kiɲøf/	->	[vø'kiɲi]	(2;2.30)
feliz	/'fi'li:f/	->	['fi'li]	(2;2.30)
vamos	/'vømuf/	->	['vømuf]	(2;2.30)

Pedro

dois	/'dojʃ/	->	['doʃ]	(2;7.0)
faz	/'faz/	->	['faz]	(2;7.0)
vês	/'veʃ/	->	['veS]	(2;7.0)
patos	/'patuf/	->	['patuf]	(2;7.0)
castanha	/'køʃ'tøɲø/	->	['køʃ'tøɲø]	(2;8.19)
lápiz	/'lapif/	->	['lapif]	(2;8.19)

(9) *Líquidas*

a. Ataque simples

Laura

Laura	/lawrɐ/	->	[lawrɐ]	(2;2.30)
Rute	/rutɨ/	->	[rutɨ]	(2;2.30)
feliz	/fi'liʃ/	->	[fi'liʃ]	(2;2.30)
amarelo	/ɐmɐ'rɛlu/	->	[mɐ'rɛw]	(2;2.30)
amarelas	/ɐmɐ'rɛlɐʃ/	->	[ɐmɐ'rɛlɐʃ]	(2;2.30)

Pedro

coelhinho	/kuɐ'ɫiɲu/	->	[kɐ'liɲu]	(2;8.19)
loja	/lɔʒɐ/	->	[lɔʒɐ]	(3;7.24)
luz	/luz/	->	[luz]	(3;7.24)
tubarão	/tubɐ'rɛw̃/	->	[tubɐ'rɛw̃]	(3;7.24)
carregas	/kɐ'rɛgɐʃ/	->	[ki'rɛgiʒ]	(3;7.24)
coelhinho	/kuɐ'ɫiɲu/	->	[kwe'ɫiɲu]	(3;7.24)

b. Final de sílaba

Laura

urso	/ursu/	->	[ʊʃu]	(2;2.30)
cerca	/sɛrkɐ/	->	[sɛkɐ]	(2;2.30)
árvores	/arvuriʃ/	->	[aviriʃ]	(2;2.30)
verde	/verdi/	->	[vedi]	(2;2.30)
azul	/ɐ'zulu/	->	[ɐ'zuli]	(2;2.30)

Pedro

mordem	/mɔrdɛj/	->	[mɔdɛj]	(3;0.1)
verde	/verdi/	->	[veði]	(3;0.1)
verde	/verdi/	->	[vedi]	(3;7.24)
último	/utimu/	->	[utim]	(3;7.24)
alto	/altu/	->	[awtu]	(3;7.24)

A observação dos dados acima apresentados mostra que:

- (i) a presença das consoantes líquidas no inventário segmental da criança (as líquidas são produzidas em Ataque simples, como se mostra em (9.a)) e
 (ii) a disponibilização do constituinte Coda no sistema da criança, através do fixação do valor marcado do PARÂMETRO DA RIMA RAMIFICADA (as fricativas são produzidas em Coda, como se observa em (8.b))
 não constituem, como seria de esperar, as condições necessárias para a emergência das líquidas em final de sílaba. Os dados confirmaram a cláusula (i) mas infirmaram as cláusulas (ii) e (iii) da *Hipótese para a emergência das Codas no PE*: líquidas e fricativas não apresentam o mesmo padrão de emergência em final de sílaba (infirmação de (ii) em (7)); fricativas e líquidas neste contexto

nunca estão em distribuição complementar no processo de aquisição do PE (infirmiação de (iii) em (7)).

Se o constituinte silábico Coda já se encontra disponível num dado momento da aquisição e se o material que lhe está associado no alvo (fricativas ou líquidas) já faz parte do inventário segmental da criança, por que razão as líquidas não surgem em Coda? O que o comportamento das crianças portuguesas revela é que as líquidas em final de sílaba no PE não estão a ser processadas como Codas. A questão que fica, no entanto, é a de definir o papel silábico atribuído pelas crianças a estas consoantes líquidas em final de sílaba.

Os dados da aquisição do Holandês (Fikkert 1994) mostraram que a emergência das obstruintes em final de sílaba (oclusivas e fricativas) é muito anterior à emergência de consoantes soantes na mesma posição (nasais e líquidas). O facto de as crianças holandesas começarem a produzir consoantes soantes em final de sílaba

(i) muito depois de o PARÂMETRO DA RIMA RAMIFICADA ter sido activado pela emergência de obstruintes em Coda e

(ii) no momento de estabilização dos Núcleos ramificados (sequências de vogal e semivogal e vogais longas)

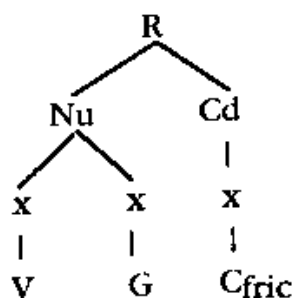
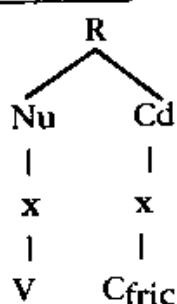
levou Fikkert (1994) a considerar que obstruintes e consoantes soantes em final de sílaba possuem papéis silábicos distintos. Assim, as obstruintes em final de sílaba são Codas, enquanto as consoantes soantes neste contexto, por emergirem no momento em que o valor marcado do PARÂMETRO DO NÚCLEO RAMIFICADO é fixado (Os Núcleos podem ramificar), são representadas no Núcleo.

A análise de Fikkert (1994) permite dar conta dos dados da aquisição do PE: tal como as crianças holandesas, também as crianças portuguesas começam a produzir líquidas no final de sílaba muito após o início da produção de fricativas em Coda (cf. (8) e (9)), num momento em que a produção de Núcleos ramificados se torna estável⁴. A adopção de uma análise em que as fricativas são dominadas pelo constituinte Coda e as líquidas estão representadas num Núcleo ramificado permite explicar os diferentes tempos de emergência para líquidas e para fricativas em final de sílaba.

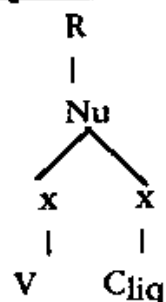
Os dados das crianças funcionam, assim, como argumentação empírica para a defesa da representação das fricativas em Coda e das líquidas num Núcleo ramificado, de acordo com os diagramas em (11) :

(11) *Consoantes em final de sílaba*

a. Fricativas



b. Líquidas



3. **Argumentos adicionais para a atribuição de estatutos silábicos distintos às consoantes em final de sílaba**

Para além do comportamento das crianças acima descrito, listem-se agora outros argumentos que podem contribuir para uma reflexão sobre os estatutos silábicos de líquidas e de fricativas em final de sílaba no PE.

(i) Sabe-se que, no PE, as fricativas podem ocorrer à direita de um Núcleo ramificado e as líquidas não. Por outras palavras, existem estruturas VGf (*fausto* [ˈfawʃtu], *claustru* [ˈklawʃtru], *anéis* [əˈneɪʃ], *dois* [ˈdoɪʃ]) mas não estruturas *VGr ou *VGɫ. À direita da vogal do Núcleo, semivogais e líquidas encontram-se em distribuição complementar (ou VG ou VCLiQ); contrariamente, a co-ocorrência da semivogal seguida da fricativa (VGf) é legítima.

(ii) Por outro lado, a formação do plural no PE faz-se com adunção da fricativa em final de palavra (Mateus, 1975/82; d'Andrade, 1977; Morales-Front e Holt, 1997). Nos casos de palavras do tipo

(12) *Plurais de [x[t]#] no PE*

canal	[kəˈnaɫ]	canais	[kəˈnaɪʃ]
anel	[əˈneɫ]	anéis	[əˈneɪʃ]
farol	[fəˈroɫ]	faróis	[fəˈroɪʃ]
azul	[əˈzuɫ]	azuis	[əˈzuɪʃ]

o [t] final do singular não surge na forma do plural. Numa avaliação meramente estrutural, a sua posição parece estar ocupada por uma semivogal [j]. A proposta de Morales-Front & Holt (1997) consiste em considerar que /l/ é produzido como [t] (/l/ → [t]) no singular e como [j] no plural (/l/ → [j]), pelo que o [t] do singular e o [j] do plural teriam o mesmo estatuto silábico, estando representados no Núcleo. Na sequência de análises anteriores, os autores referem a velarização e a glidização de /l/ como manifestações da tendência para a nuclearização no Português, sistema que tem revelado uma preferência pelas sílabas abertas (cf. d'Andrade e Viana, 1993). É assim proposto que a velarização (/l/ → [t]) seja o

resultado de incorporação parcial de material segmental no Núcleo; a glidização é interpretada pelos autores como o resultado de uma absorção total da lateral pelo Núcleo.

(iii) Como argumento para a integração da maior quantidade de informação possível da Rima no Núcleo, note-se que o PE não apresenta consoantes nasais à direita do Núcleo. O facto de a nasalidade não se fixar na Coda mostra a tendência do PE para a não utilização deste constituinte marcado, que impõe fortes restrições ao material segmental por si dominado.

(iv) Cavaco Miguel (1993) chama a atenção para o facto de uma lateral velarizada ser um segmento com propriedades próximas das das vogais, o que favorece a sua integração no Núcleo. A autora propõe para o Português que o /l/ à direita da vogal, seguido de consoante ou de final de palavra, seja dominado pelo Núcleo.

(v) O trabalho de Andrade (1997) sobre as propriedades fonéticas de [l]/ [ɫ] no Português refere as semelhanças fonéticas entre semivogais e laterais nas línguas naturais. Os resultados revelam a interferência das propriedades da lateral velarizada [ɫ] em final de sílaba na produção da vogal adjacente à esquerda, facto que pode ser usado como argumento a favor da proximidade fonética entre a vogal do Núcleo e a lateral que a segue. Ainda em final de sílaba, a constrição de [ɫ] nem sempre é implementada, o que leva à glidização da lateral no Português do Brasil e noutras línguas do mundo.

(vi) De facto, no Português do Brasil, a lateral /l/ pode ser produzida como [w] em algumas variedades (falta [ˈfaktɐ] é [ˈfawta]), o que funciona como argumento para o facto de as líquidas estarem no Núcleo e não na Coda. Para Morales-Front e Holt (1997), o /l/ em final de sílaba do Português do Brasil encontra-se no Núcleo, razão pela qual é produzido como [w].

(vii) As crianças, antes da estabilização da lateral em final de sílaba, podem revelar um comportamento semelhante ao verificado no Português do Brasil:

(13) *Substituição de [ɫ] por [w] na aquisição do PE*

balde	[ˈbaldɨ]	->	[ˈbawd ^{hi}]	(Luís: 2;2.0)
alto	[ˈaltu]	->	[ˈawtu]	(Pedro: 3;7.24)

Ainda na sequência do uso de estratégias de substituição pelas crianças, face a estruturas-alvo problemáticas, recorde-se que, em final de sílaba, as crianças nunca substituem líquidas por fricativas. Este facto argumenta a favor da atribuição de diferentes papéis silábicos a líquidas e a fricativas em final de sílaba.

(viii) ou

O caso particular das líquidas em final de palavra

Quando observamos o processo de emergência das líquidas nas produções das crianças portuguesas, verificamos que estes segmentos apresentam tempos de

emergência distintos na palavra, surgindo em final de palavra muito antes de emergirem em final de sílaba no interior da palavra:

(14) *Contraste entre Coda líquida interna e Coda líquida final*

a. Inês			
quer	/ker/	->	['kəri]/['kɛli]/['keri] (1;10.29)
doutor	/do'tor/	->	['tori] (1;10.29)
porta	/'portɐ/	->	['tɔtɐ] (1;10.29)
garfo	/'garfu/	->	['gatu] (1;10.29)
fralda	/'fraldɐ/	->	['katɐ] (1;10.29)
b. Marta			
brincar	/brɨ'kar/	->	[bɨ'kari] (2;2.17)
papel	/pɐ'pɛɫ/	->	[pɐ'pɛti] (2;2.17)
Natal	/nɛ'taɫ/	->	[tɛ'tali] (2;2.17)
urso	/'ursu/	->	['usu] (2;2.17)
Dulce	/'duɫsi/	->	['luθi] (2;2.17)
c. Laura			
brincar	/brɨ'kar/	->	[buɨ'kari]/[brɨ'kar] (2;2.30)
ar	/'ar/	->	['ari]/['ar] (2;2.30)
azul	/'ɛ'zuli/	->	[ɛ'zuli] (2;2.30)
urso	/'ursu/	->	['ufu] (2;2.30)
cerca	/'serkɐ/	->	['sekɐ] (2;2.30)

Por outro lado, verifica-se que a emergência das líquidas ocorre simultaneamente em final de palavra e em Ataque simples (vejam-se os exemplos em (15) e confrontem-se as produções da Laura em (9.a) e em (14.c)):

(15) *Emergência simultânea de líquidas em Ataque e em final de palavra*

a. Marta			
laçarote	/lɛsɐ'roti/	->	[ʃɐ'roti] (2;0.26)
flor	/'flor/	->	[ufɔ'lori] (2;0.26)
ver	/'ver/	->	['feri] (2;0.26)
b. Luís			
bolachas	/bu'lafɛʃ/	->	['lafɛʃ] (1;11.20)
azul	/'ɛ'zuli/	->	[ɛ'zuli] (1;11.20)
doutora	/do'torɐ/	->	[to'torɐ] (1;11.20)
cantar	/kɛ'tar/	->	[kɛ'tari] (1;11.20)

Estes factos podem ser usados como argumentos para afirmar que as crianças estão a atribuir (i) estatutos silábicos distintos a líquidas em final de sílaba

no interior e no final da palavra e (ii) o mesmo estatuto silábico às líquidas em final de palavra e em Ataques simples. Efectivamente, e como argumento a favor do estatuto de Ataque para as líquidas em final de palavra, na aquisição, as primeiras produções de alvos VC_{liq}# apresentam frequentemente uma vogal após a consoante final:

(16) <i>Coda líquida em final de palavra</i>		[VC _{liq} #]		
a. Marta				
flor	/flor/	->	[ufɔ'lori]	(2;0.26)
caracol	/kə'rəkɔɫ/	->	[kɔ'kolɪ]	(2;0.26)
ver	/ver/	->	['veri]	(2;0.26)
b. Luís				
tambor	/tɐ'bor/	->	[tɐ'pori]	(1;11.20)
azul	/ɐ'zul/	->	[ɐ'zuli]	(1;11.20)
cantar	/kɐ'tar/	->	[kɐ'tari]	(1;11.20)
c. Laura				
ar	/ar/	->	['lari]	(2;2.30)
azul	/ɐ'zul/	->	[ɐ'zuli]	(2;2.30)
deitar	/dɐj'tar/	->	[dɐj'tari]	(2;2.30)
d. Pedro				
ver	/ver/	->	['veri]	(2;7.0)
azul	/ɐ'zul/	->	[ɐ'zuli]	(2;7.0)
dormir	/duc'mir/	->	[du'miri]	(2;8.19)

No Português, sabe-se que uma vogal final após uma líquida em final de palavra é foneticamente detectável a) na variante-padrão do PE (*comer* [ku'meri]; *anel* [ɐ'nɛli]), b) em variedades dialectais do PE, sendo a vogal não um [i] mas um [ɪ] (*comer* [ku'meri]; *anel* [ɐ'nɛli]) e c) em variedades africanas e sul-americanas do Português, com a variante [i].

Este processo de inserção de vogal não ocorre com Coda fricativas em final de palavra, o que funciona como argumento a favor das naturezas silábicas distintas de fricativas e de líquidas no contexto em observação:

(17) *Inserção de vogal [i] em final de palavra no PE*

I. ^{ok} VC _{liq} + [i]#		II. [*] VC _{fric} + [i]#	
a. flor	^{ok} [flor]/ ^{ok} [flori]	e. noz	^{ok} ['noz]/ [*] ['noʒi]
b. saltar	^{ok} [saɫtar]/ ^{ok} [saɫtari]	f. faz	^{ok} ['faz]/ [*] ['fazi]
c. anel	^{ok} [ɐ'nɛɫ]/ ^{ok} [ɐ'nɛli]	g. bolas	^{ok} ['boɫɐʃ]/ [*] ['boɫɐʃi]
d. sal	^{ok} [saɫ]/ ^{ok} [sali]	h. nariz	^{ok} [nɐ'riʃ]/ [*] [nɐ'riʃi]

As propostas de análise para o PE, na perspectiva da Fonologia Gerativa clássica (Mateus, 1975/82; d'Andrade, 1977), usam a presença desta vogal final em superfície como argumento para a estipulação de uma vogal subjacente que faz com que estas palavras sejam consideradas paroxítonas e não oxítonas, como fariam prever os seus formatos fonéticos:

(18) *Formas subjacentes à SPE*

a. <i>comer</i>	/kɔm+e+re/	[ku'mer]
b. <i>anel</i>	/anel+e/	[ɐ'net]

Considerem-se os seguintes factos:

- a) a possibilidade de inserir uma vogal [i] após líquida em final de palavra no PE, processo que não ocorre com as Coda fricativas finais;
- b) a análise à SPE das estruturas com líquida em final de palavra;
- c) o facto de a Marta nunca produzir, ao longo das doze sessões, a lateral alveolar velarizada em final de palavra, procedimento obrigatório no PE (*sol* ['sɔɫ] e não *['sɔl]), não a produzindo, portanto, com o formato de Coda mas com o formato de Ataque, frequentemente seguida de uma vogal final;
- d) o comportamento das crianças no contexto em observação, as quais produzem frequentemente, em alvos com Coda /r/ e em alvos com Coda /l/, uma vogal após a líquida em final de palavra, processo que não ocorre com Coda fricativas finais;
- e) a não atestação, em final de palavra, de fricativas e de líquidas em distribuição complementar, durante o processo de aquisição do PE; já as líquidas, entre si ([t] e [r]), podem estar em distribuição complementar neste contexto.

Os factos acima listados argumentam a favor da possibilidade de as consoantes líquidas em final de sílaba terem papéis silábicos distintos no final e no interior de palavra. No percurso da aquisição, as crianças parecem interpretar as líquidas em fim de palavra não como Coda mas como Ataques de uma sílaba final. Este processamento da estrutura pelas crianças pode explicar a aquisição prévia da líquida em final de palavra, só muito mais tarde seguida da emergência da líquida em final de sílaba interna. O caso das consoantes líquidas em final de palavra pode ser interpretado como um argumento adicional a favor da atribuição de papéis silábicos distintos a fricativas e a líquidas em final de sílaba no PE.

4. Conclusões

A observação do processo de aquisição das consoantes em final de sílaba no PE permitiu:

- testar a eficácia da escala de Fikkert (1994) para a aquisição da Rima, segundo a qual a emergência das obstruintes em final de sílaba precede a das consoantes soantes nesta posição silábica;
- confirmar a universalidade da ordenação PARÂMETRO DA RIMA RAMIFICADA > PARÂMETRO DO NÚCLEO RAMIFICADO referida na literatura sobre a aquisição da Rima;
- fornecer argumentação para a atribuição de papéis silábicos distintos a líquidas e a fricativas em final de sílaba no PE;
- mostrar que os dados da aquisição fornecem evidência empírica válida para a reflexão sobre o funcionamento fonológico do sistema-alvo.

Notas

1 O *corpus* observado é longitudinal transversal e contém dados de 7 crianças portuguesas monolíngues, gravadas mensalmente durante 1 ano (uma das crianças foi gravada durante 2 anos), em sessões com durações compreendidas entre os 30 e os 60 minutos. As gravações decorreram em casa da cada criança, com a presença do investigador e da mãe. O *corpus* foi tratado na base de dados CHILDPHON, desenvolvida no Max Planck Institute for Psycholinguistics e usada, pela primeira vez, em Fikkert (1994). A recolha dos dados foi feita no âmbito do projecto PCSH/C/LIN/524/93, desenvolvido no Laboratório de Psicolinguística da FLUL.

2 Para uma apresentação dos instrumentos formais usados nesta comunicação e para a sua aplicação à descrição do processo de aquisição da sílaba no PE, consulte-se Freitas (1997a).

3 Para informação sobre a relação entre os níveis segmental e silábico na aquisição do PE, consulte-se Freitas (1997b).

4 Para mais informação sobre o funcionamento dos Núcleos ramificados no processo de aquisição, consulte-se Fikkert & Freitas (1997) e Freitas (1997a).

5 Esta é a análise que Cavaco Miguel (1993) faz para as líquidas em final de palavra, em Português Europeu: /l/ e /r/ finais são representados como Ataques de uma sílaba final sem material segmental associado ao Núcleo.

Referências Bibliográficas

- Andrade, A. (1997) 'Variação fonética de /l/ em Ataque silábico em Português Europeu'. *Actas do XIII Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL.
- d'Andrade, E. (1977) *Aspects de la Phonologie (Générative) du Portugais*. Lisboa: INIC.
- d'Andrade, E. & M. C. Viana (1993) 'Sinérese, diérese e estrutura silábica'. *Actas do IX Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL.
- Cavaco Miguel, M. A. (1993) *Os Padrões das Alternâncias Vocálicas e da Vogal Zero na Fonologia Portuguesa*. Dissertação de Doutoramento. Universidade dos Açores.
- Demuth, C. (1995) 'The prosodic structure of early words'. J.L. Morgan & C. Demuth (eds). *From Signal to Syntax*. Hillsdale, NJ: LEA.

- Fee, J. (1995) 'Segments and syllables in early language acquisition'.
- Fikkert, P. (1994) *On the acquisition of prosodic structure*. Dordrecht: HIL.
- Fikkert, P. & M. J. Freitas (1997) 'Acquisition of syllable structure constraints: evidence from Dutch and Portuguese'. *Proceedings of GALA'97*.
- Freitas, M. J. (1995) 'Uma questão de Ataque silábico nas primeiras palavras'. *Actas do XI Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL.
- Freitas, M. J. (1996a) 'Onsets in early productions'. *Proceedings of the UBC International Conference on Phonological Acquisition*. Somerville: Cascadilla Press.
- Freitas, M. J. (1997a) *Aquisição da Estrutura Silábica do Português Europeu*. Dissertação de doutoramento. Universidade de Lisboa.
- Freitas, M. J. (1997b) 'Os segmentos que estão nas sílabas que as crianças produzem: localidade silábica e hierarquia de aquisição'. *Actas do XIII Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL.
- Freitas, M. J. & M. Miguel (1997) 'Prosodic and syntactic interaction: the acquisition of NP functional projections in European Portuguese'. *Proceedings of ConSOLE VI*. Leiden: ConSOLE.
- Lleó, C. & M. Prinz (1996) 'Consonant clusters in child phonology and the directionality of syllable structure assignment'. *Journal of Child Language* 23.
- Mateus, M. H. (1975/82) *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. Lisboa: INIC.
- Mateus, M. H. & E. d'Andrade (1998) 'The syllable structure in Portuguese'. D.E.L.T.A., vol. 14, nº1.
- Miranda, A. R. (1996) *A Aquisição do 'r': uma Contribuição à Discussão sobre o seu Status Fonológico*. Dissertação de Mestrado apresentada à PUC de Rio Grande do Sul.
- Morales-Front & Holt (1997)
- Stemberger, J. (1996) 'Syllable structure in English, with emphasis on codas'. *Proceedings of the UBC International Conference on Phonological Acquisition*. Somerville: Cascadilla Press.